



# Gaiato

PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 26 de Agosto de 1978 \* Ano XXXV — N.º 899 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## UMA INIQUIDADE APARENTE

«Era duma vez eu que recebi comunicação oficial do corte de desconto no fornecimento da luz. Era uma soma considerável e eu fui por aí fora conversar com o sr. Presidente da Câmara. Ainda não tínhamos o «Morris»; foi o «Peugeot». Uma vez chegado e anunciado, convidaram-me a entrar na sala da espera e, daí a nada, estava dando o meu recado.

«Que não», diz-me o sr. Presidente. «Eu tenho de zelar os interesses do meu concelho.»

Eu escutei. Expus doutrina: — V. Ex.º por certo não ignora a obrigação social das Câmaras. Nós temos uma grande dúzia de pequeninos municipais seus debaixo das nossas telhas.

E mais e mais e mais. De nada valeu. O interesse, segundo compreendi, era a pedra de toque. É muito difícil, se não impossível, que o homem material penetre nas coisas do espírito.

Desandei para a Casa do Gaiato triste e desconsolidado. O mundo interesseiro semeia a desolação nas almas a tal ponto que, sem a virtude da Fortaleza, corre-se o risco de naufragar. A nossa Casa fica a uns sete quilómetros da cidade de Penafiel, distância que o carro fez em 10 minutos. Ocupei esse pequenino tempo em pedir a Deus que guiasse as minhas passadas.

No dia seguinte estava no Porto. Eu queria saber o nome da empresa fornecedora de

energia neste concelho. Perguntei. Indicaram-me um nome como provável. Não era ali. Deram-me outro nome. Não era ali. Indicaram-me um terceiro. Acertei. O empregado mandou-me entrar e que esperasse um bocadinho pelo sr. Engenheiro. Este aparece. Antes que eu fale, abre ele conversa. Começa por dizer que a sua Companhia está em dívida para com a Casa do Gaiato. Que tem obrigação de ajudar a Casa do Gaiato e que diga eu como há-de ser. Isto era no gabinete do sr. Engenheiro. Eu ouvia em silêncio e fervorosa atitude. Ontem pedira a Deus que me guiasse os passos. É nesta Luz que nós, mortais, vemos e compreendemos. Aquele sr. Engenheiro, na sua pobreza remediada, há-de ser necessariamente um homem feliz por haver sido, entre tantos outros, o medianeiro que Deus escolheu. A nossa conversa foi muito breve. As nossas opiniões eram concordes. Quando assim acontece, nem disputas nem dificuldades. Dentro de poucas semanas erguia-se uma torre de granito na nossa Aldeia, aonde se instalava o maquinismo necessário e permanente para termos energia e luz à vontade, sem interferência de ninguém.

Resultado: com energia acessível, começa a nascer-me no peito o que antes jamais poderia conceber por causa de preços elevados; e desta sorte instalámos um moinho. Foi a primeira máquina da Aldeia. O nosso pão sabe melhor e engorda mais.

A seguir vem o maquinismo das oficinas de carpinteiro. Mais ruído. Mais entusiasmo. Melhor rendimento. Os pequeninos aprendizes debruçam-se sobre o trabalho e gostam de ver as lâminas fender a madeira.

Depois vem o tear; o tear

Cont. na 4.ª pág.

## Aqui, Lisboa!

● A deterioração da vida começa a atingir índices alarmantes. Enquanto os políticos vão discutindo, ao sabor dos interesses partidários, os negócios públicos, sem soluções à vista para os problemas mais prementes da sociedade em que vivemos, causam uma sensação de descrença e de frustração que se vai apoderando cada vez mais da população. Há um nítido cair de braços e uma poderosa desmotivação em muita gente. «Não vale a pena», são palavras que se ouvem a cada passo, acompanhadas de desorientação e apatia desconsoladoras.

Enquanto nos vários sectores, como os do ensino, da assistência e da saúde, as coisas vão de mal a pior, o custo de vida aumenta vertiginosamente e o desemprego acelera-se, atingindo sobretudo as camadas mais jovens, com as consequências mais nefastas e imprevisíveis. É realmente trágica a época em que vivemos.

Há, segundo as estatísticas ao dispor, cerca de 500.000 desempregados no País. Se atendermos que, para este ano, se prevêem mais 50.000 jovens desempregados e que metade das pessoas em busca de emprego se situa abaixo dos 25 anos, temos de concluir que o sector juvenil é o mais desfavorecido no designado mercado do trabalho. Não admira, pois, que por via disso se ace-

lere o recurso à droga e aumente a criminalidade, com a agravante do desbaratar dos investimentos estatais na escolarização, tornada improdutivo, mesmo admitindo o nível qualitativo que está, infelizmente, longe de possuir.

Colocados ao serviço da juventude, mormente da mais pobre e abandonada, sentimos em toda a sua extensão o drama que lhe é posto, sem esperanças que se vislumbrem de melhores dias. Por isso perguntamos a nós mesmos, como já o fizemos aqui anteriormente, se há ou não homens em Portugal, capazes de em determinação e empenhamento se debruçarem seriamente sobre a «res publica», ao serviço autêntico do Povo, deixando de lado vaidades ratuas e interesses mesquinhos, sem birras ou quezílias meramente pessoais.

● Há uma campanha orquestrada, cientificamente organizada e com os meios mais sofisticados ao dispor, para minar a célula fundamental da sociedade — a família. Muita gente com responsabilidade não entende assim e, dia-a-dia, não se apercebe que, subtil e firmemente, se vão procurando destruir as estruturas familiares. São as leis desprovidas de preocupações morais, ou antes eivadas de materia-

Cont. na 4.ª pág.

## TRIBUNA DE COIMBRA

■ Foi agora mais uma grande prova de que quase toda a humanidade acredita e põe em primeiro plano os valores espirituais. A morte do Papa Paulo VI entrou na vida de quase todos os homens.

«O homem que se eleva, eleva o mundo». E todos nós somos testemunhas de que Paulo VI procurou elevar o mundo. Procurou unir todos os homens de boa vontade a construir um Mundo Novo; um mundo assente no amor, na justiça, na paz.

Foi o Papa Peregrino. Peregrino para melhor se encontrar com os homens seus irmãos. Temos a convicção de que utilizou todos os meios ao seu alcance. Consumiu-se até ao fim. O Senhor veio e encontrou-o vigilante e levou-o para Sua Casa.

Creemos que foi o «homem fiel» que fez tudo o que pôde para iluminar os homens pelos caminhos que conduzem à Casa do Pai. Creemos que já recebeu o prémio da sua peregrinação na Terra, peregrinação que teve passos muito dolorosos. Feliz. Pedimos a Deus um novo Papa segundo o Seu Espírito.

■ Nós portugueses estamos a viver dias de muita expectativa. Continuamos à espera de encontrar homens governantes dispostos a servir. Servir com isenção. Servir com boa vontade. Servir com humildade.

Que mesquinhos nos têm parecido tantos homens em quem esperávamos! Muito presos às suas ideias! Muito presos aos seus partidos! Muito presos a si próprios! Que pena temos dos seus truques!

Ansiamos e pedimos a Deus que tenhamos governantes livres. Homens livres que sejam capazes de reconhecer a liberdade dum Povo. Um Povo que quer ser livre e não ter de mendigar aquilo que é capaz de fazer. Um Povo que tenha a sua própria identidade.

Padre Horácio



O Sampaio gosta de pombos. E já tem um par acasalado à espera de criação.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Solitário

Estava solitário,  
Rodeado de gente  
Desconhecida!  
O céu encoberto.  
Corria um vento gelado.  
Era noite.  
Mas eu estava ali,  
Rodeado de gente  
Desconhecida!  
P'ra onde vou?!  
P'ra Lisboa.  
O que é Lisboa?  
É uma cidade?...  
Não!!  
Como todas as outras,  
Com nomes idênticos,  
São grupos de podridão  
Cujos tentáculos  
Alcançam os corações  
Mais humildes  
E fiéis,  
Que suplicam  
Amor,  
Carinho,  
E não destruição.  
E eu?!  
Sim, não sei  
O que hei-de viver,  
Do que hei-de viver,  
Nem o que é viver!  
«Há um vento  
Que não perdoa»...  
Estava ali,  
Solitário,  
Rodeado de gente  
Desconhecida!

João Saúde

## Ericeira

FÉRIAS!... — Férias sim, mas de bom senso. Praia ou campo, são os únicos rumos a seguir, mas não se pode escolher a praia ou o campo indiferentemente. Contra-indicações que devemos ter em conta para não estragar os benefícios das férias. Cada qual poderá por si definir o que entende por férias de maneira a que possamos colher diversas opiniões com definições comuns: tempo de repouso, tempo de aquisição de forças físicas e psíquicas para enfrentar a vida no seu dia-a-dia, que por vezes é bastante dura. Falar em repouso é tarefa fácil, mas arranjar lugar para ele é sempre um problema. Raramente o podemos escolher só para nós. A maior parte das vezes temos que ter em conta as exigências da família que nem sempre podem ser atendidas consoante cada membro.

Certo é que muita gente parte, crente de que o tempo que vai passar fora é de total repouso, quando muitas vezes é uma simples mudança de ambiente, uma fuga à rotina do dia-a-dia, à poluição e ao ruído provocado nos grandes centros urbanos.

Centudo, as férias são um direito para quem trabalha. Mas tudo isto para quê? Para vos contar como decorreram as férias dos Gaiatos do Tojal.

A nossa época balnear começou depois de um grupo de crianças da diocese de Portalegre ter gozado as suas férias em nossa casa da praia. Mas como vos dizia atrás, arránjar

um local para o tempo de relaxe não é fácil. No que nos diz respeito, a casa de que nos servimos é boa. Situada no cume de um monte, ponto privilegiado de onde se pode apreciar a beleza da Natureza: o mar com o seu pôr-do-sol, os montes, etc. Só é pena que, no cimo, não haja água. Mas, como é indispensável e não podemos viver sem ela, temos que nos valer de alguns bidons que a Colónia Balnear nos cede como vai sendo tradição.

Há anos atrás, a Colónia Balnear da Ericeira também repartia connosco, além de outras coisas, a comida, não esquecendo os convites para alegres convívios com rapazes e raparigas, aos quais nunca dissemos não. Mas, com a vinda dos refugiados das ex-Colónias (Moçambique e Angola) ela foi ocupada durante dois anos, 76/77, tendo sido agora desocupada. É de lamentar o estado em que a deixaram, depois de ter sido, para eles, o seu lar: portas, janelas, camas e vidros, tudo partido, num estado que para voltar a funcionar como dantes, precisa de uma renovação geral. Daqui se conclui — uma autêntica selva-jaria!

Este ano formaram-se grupos com os respectivos chefes e mais 28 a 30 rapazes. Como sempre, fazem parte do primeiro grupo os mais pequenitos, os «Batatinhas».

No rosto de cada um a alegria e os «planos» para passarem da melhor maneira as duas semanas de praia

que têm direito. Aproveitou-se o tempo para realizar alguns jogos: futebol, badminton, mata, ténis, etc. Mas de desporto não foi tudo. Antes do banho havia uma prova de atletismo, da praia à baía, distância suficiente para os mais velhos porem à prova as energias obtidas. Depois, tocava ao banho e lá iam todos gritando e saltando, mas o Zé Fernando ficava para trás, recusava tomar banho. Mas porquê? Respondia ele: A água está fria e é salgada. E desatava a chorar. O Zé Fernando é um dos nossos mais pequenos. Tem sete anos. E veio de Caldas da Rainha. Nesta idade, geralmente, as crianças, na praia, apresentam dois comportamentos contrastantes. Há aquelas que choram, em vez de fazerem a sua primeira experiência com as ondas, e aquelas que, pelo contrário, se lançam imprudentemente, alegremente, nas águas. No que diz respeito ao segundo caso também temos alguns que, não sendo controlados, são como os patos, só estão bem na água.

Depois do banho de mar temos o banho de sol, como autênticos lagartos, para ver quem consegue queimar mais a pele. Não tendo em conta, muitas vezes, o real valor e as vantagens dos raios solares, particularmente das radiações ultravioletas que, ao incidirem directamente na pele, produzem vitamina D, que ajuda a formar ossos direitos, músculos fortes e boa dentição. Há que ter em conta, também, o iodo obtido através dos banhos.

Mas, seguindo o programa do nosso dia-a-dia, após a «seca» ao sol começamos a sentir o aproximar do almoço. Os ares do mar abrem mais o apetite e todos escalam o monte, o que ao mesmo tempo também serve de ginástica. De louvar, ainda, o es-

forço da sr.<sup>a</sup> D. Albertina, para nos proporcionar boas refeições.

Como alguém dizia, «tempo de vaneio, tempo em que os cristãos mandam o seu Deus para férias». Mas, em nós, Deus não goza férias. Todos os dias rezamos o Terço e todos os sábados temos Missa, celebrada pelo sr. Padre Luiz com a participação da comunidade.

Assim passam os dias. Finalmente, chega a hora do adeus e, com ela as saudades de alguém que fica e que nos mereceu a nossa amizade depois de alguns esforços, como dizia um dos nossos rapazes: «Que pena, agora, que eu começava a conviver com aquela rapariga, vou-me embora!»

— O que é que lhe vou dizer?  
— Adeus; e que pr'ó ano regres-

sas.

— Mas pr'ó ano ela já não vem para cá!

— Olha, paciência.

Não é só a despedida dos amigos arranjados durante quinze dias. Por tradição nunca pode faltar a característica festa de despedida, na última noite: uma fogueira, bons licores caseiros acompanhados de bolos e cacau, boa disposição, algumas cantigas e o som de instrumentos musicais improvisados pelos miúdos. No final, o adeus até pr'ó ano se Deus quiser.

Assim regressamos ao Tojal. Cara morena, pele queimada, cheios de forças e coragem para enfrentar mais um ano de trabalho.

Resta-nos desejar aos amigos leitores que as vossas férias tenham sido, ou sejam, semelhantes às nossas, se não melhora. Não deixando de formular aqui os votos para que aqueles que, por várias circunstâncias, este ano não puderam beneficiar de alguns dias de descanso, para o ano o possam, tal como nós.

Férias sim, mas com bom senso.

António José

## Miranda do Corvo

CONVÍVIO — Foi num domingo do mês passado que, chegávamos nós da Missa e ao mesmo tempo chegaram nove carros vindos de Coimbra,



A filha do «Olhinhos», que foi de Paço de Sousa e está em França.

transportando outras tantas famílias todos jovens. Eram Amigos que nos procuravam para convívio. É em convívio são que hoje se deve viver. Nós convivemos e teria sido mais animado, teríamos tido mais presença se o grosso da nossa malta não se encontrasse a gozar férias na Praia de Mira e na venda do jornal. Mas não se perdeu nada.

De manhã fizemos um desafio de futebol onde não houve vencedores nem vencidos — o único objectivo era: desporto. Após o termo do desafio passámos pelos chuveiros e mergulhámos na nossa já tão gabada piscina que no momento também foi deles.

Frescos e animados pela boa manhã que os nossos Amigos nos proporcionaram fomos almoçar. Almoçámos e oferecemos balões e chocolates para todos, miniaturas da «Formula 1» para os mais pequeninos e para os mais velhos, uns lençinhos minúsculos com bonecos de mil e uma cores; resumindo: infantis. O «Chola» chorou. Tem 16 anos e não lhe deram um lençinho. O resto da malta delirou. Foi muito bom este Amigo se terem lembrado dos mais pequenos oferecendo aqueles carrinhos. Muito contentes ficaram. Desde o Natal de 77 que não tinham assim um brinquedo novo.

No nosso bar servimos bicas e alguns bagaços. Tudo eles queriam pagar mas o nosso bar não é, nem poderá ser, de maneira alguma, um local de comércio. É fruto de amor e é com amor que oferecemos aos Amigos que nos visitam. Depois dum cigarra tudo e todos acalmaram para se voltar à actividade. Os nossos Amigos iam agora mostrar-nos o que valiam, agarrados ao volante. Enfiaram-se nos carros, depois de colocados os marcos para a ginca-na. Partiam, e, com os carros em bom acelaramento, rodavam duas voltas em torno dum marco, levantando e ficando envoltos em grossa e enorme nuvem de poeira e partiam depois para repetir a façanha num outro marco colocado a distância regular. O Manuel António tirou proveito da simpatia dos nossos Amigos que lhe emprestaram um carro, não um qualquer, mas sim o conduzido pelo vencedor da prova. Os nossos mais pequeninos que se deixam

seduzir por altas velocidades lá andaram nos carros, mas todos preferiam um tal BMW dando para aqueles «piões» e para fazer poeira.

Todos gostaram. Eu não gostei. Alguns dos nossos mais pequeninos andaram a empurrar uns carros com outros meninos em cima. Os pais e as mães dos meninos viram e deixaram porque os filhos estavam bem e andavam contentes.

Benjamim

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

REFORMADOS — Com base em dados fornecidos num inquérito entre os elementos de um agrupamento de Reformados portugueses — não importa as suas conotações — concluiu-se que cerca de 85% desses indivíduos (que supomos residentes nos meios urbanos ou suburbanos e suficientemente mentalizados em seus direitos de cidadania) têm problemas de saúde, que apenas é «razoável» em 31% dos inquiridos.

Neste capítulo, 93% têm necessidade de medicamentos, 31% carecem da assistência de terceiros e 8% estão acamados ou inválidos.

A abordagem revela, ainda, que 52% têm más condições de habitação; razoáveis para 37% e consideradas boas só em 10% dos pensionistas.

Quanto à ocupação do tempo, 61% dos inquiridos permanecem em casa, 18% nos jardins e 6% dedicam-se a pequenos trabalhos.

Como, por formação, não somos dados a Estatística, perguntamos somente: que diria uma abordagem inteligente a Pensionistas das zonas essencialmente rurais (incluindo, por que não?, os sem-reforma — marginalizados por culpa da Lei e dos seus responsáveis — que os há sofrendo «as passas do Algarve») já de si oficialmente discriminados como cidadãos de 2.ª?

Basta referir só uma injustiça flagrante, no que toca à chamada *pensão social*: os cidadãos recebem 1.000\$00, os rurais 500\$00! Ou hão-de receber (se não morrerem entretanto) quando houver disponibilidades, se os processos não forem protelados burocraticamente. Acontece...

PARTILHA — Como os Pobres não têm férias houve que acorrer a muitas aflições, na última quinzena.

Só de «pequenos auxílios» para telhar moradias de Auto-construtores, distribuímos 30.000\$00, na média de 5.000\$00 a cada um. A telha está a preços proibitivos!

Mais. Que dizer da conta da farmácia? E das refeições diárias fornecidas a uma pessoa idosa? E dos restantes auxílios normais e extraordinários, que são todos os dias, também?!

Para estes encargos, tamanhos, acudiram apenas seis Amigos:

Odívelas, 100\$00 em sufrágio «da



# Setúbal

por  
Ernesto Pinto

● Vinte e três anos fez agora a nossa Casa. Era chamado o **Dia do Sangue do Senhor**, este primeiro de Julho.

Eu não sei se Pai Américo escolheu o dia para abrir esta Casa do Gaiato. O que sei é que ele tinha o corpo agarrado ao espírito e tudo o que fazia era na certeza de anunciar e revelar aos homens o poder da Justiça na doação duns aos outros. Agarrou e chamou os mais fracos e mostrou-os a todos para que se visse bem as armas pacíficas que tanta vez esquecemos.

A construção tinha sido concebida para um albergue. Alguém viu o erro dos albergues e a razão de ser das Casas do Gaiato e foi ao encontro da tese de Pai Américo: «É mais barato evitar crimes do que sustentar criminosos». Ir bus-

car o mal à raiz, deve ser preocupação de todos os médicos.

Começámos a festa deste aniversário na nossa Capela. A Palavra veio mesmo de encontro, como que a acordar-nos para a realidade do tempo. Na leitura do Livro das Lamentações, um poeta sempre actualizado mostra-nos a ruína dum povo materializado, esquecido do verdadeiro sentido da vida que sempre deve ser o farol daquele que, navegando, procura evitar o naufrágio.

Estes vinte e três anos são uma idade boa para deixarmos visões erradas dum juventude sempre descalça e encaminhar-nos por outra onde os espinhos existem mas as dores são cura doutras mais violentas.

«...Levanta para Ele as mãos, pela vida dos teus pequeninos,

prostrados pela fome aos cantos de todas as ruas.»

● Era à tardinha. Eu passava junto da entrada da nossa Casa. Francisquito, de mangueira nas mãos, rega as flores que ali se encontram. Por curiosidade perguntei-lhe se ele, agora, era o jardineiro, coisa que está à conta do «Boas». Que não: «O «Boas» não pode por causa da perna e eu vim regar».

Francisquito é dos que gostam de ajudar. Eu próprio já tenho merecido dele essa ajuda. «O «Boas» não pode e eu vim».

Aqui fica a lição que sai de flores que dantes não podiam germinar.

● Eu não sei bem se sei ou não escrever das nossas necessidades. Do ambiente que carecemos, isso sim. Outro dia pedi tintas, vernizes, cortinados e não sei que mais, para os acabamentos da casa-mãe. De Setúbal, logo uma senhora telefonou por via de cortinas. Da Covilhã, recebemos uma encomenda da Casa Militar. É claro que as nossas senhoras ficaram radiantes e o «Vila Real» também. No que toca a tintas, vernizes é que tenho que tornar a lembrar que costumamos ir à C.I.N. comprar e eles depois vêm ter connosco. E o Amériquito nem sempre lhes diz sim, porque como responsável pela escrita, não tem daquilo com que se compram os melões.

Para que a coisa fique mais apurada, dentro do possível, andamos a fazer tacos para o chão, aproveitando restos de madeiras. O Augusto, a quem chamam «Judas», tem trabalhado com as máquinas a fazer deles. E com que entusiasmo ele se agarra!

● Eles são três irmãos. Vieram do Algarve e já estão connosco há bastante tempo. Sempre miudinhos de corpo, têm sido objecto de mais atenção pelas nossas senhoras que procuram ser mães deles. Ontem à tarde fui dar com um de roda da senhora e uma malga na mão. Era leite com ovo. Nós olhamos estes três e tantos deles e vimos neles os nossos pecados. O pecado da omissão dumã Sociedade que vai deixando heranças negativas a sucessivas gerações.

Cada um olha à sua maneira, tudo puxa o melhor pra si e quer impor aos outros o seu «eu».

Precisamos de olhar bem as abelhas e as formigas e ver como elas fazem...

mais um dia de boa pesca. E quando assim é, não falta a típica caldeirada à nossa mesa.

Neste último grupo tivemos visitas de senhoras de Coimbra, muito nossas amigas e de alguns dos nossos casados que vieram partilhar connosco a alegria dumã férias bem passadas.

Entretanto, há alguns dos nossos rapazes que chegam à beira-mar deitam-se e aí dormem quase todo o dia debaixo dum sol ardente!...

O Brito chegava à praia, deitava-se, e só acordava quando era para comer. De maneira que quando o chamavam ele já sabia que estava na hora do almoço ou da merenda. Mas isto não acontecia com todos, porque a maior parte deles procuravam andar activos, ou correndo ou saltando ou jogando à bola.

Entretanto, o desporto que tem feito participar grande parte da malta, é o Voleibol. Um jogo divertido que tem muitos golpes imprevistos e exige dos jogadores piruetas de toda a espécie.

Nestes últimos dias, enquanto os vendedores partem para suas terras vender o «Famoso», os que cá ficam vão procurar deixar a casa limpa e arrumada para assim darmos o nosso melhor acolhimento aos nossos amigos de Anadia que, como já foi dito em crónica anterior, virão em vários grupos passar também as suas férias. Assim a nossa casa ficará sempre activa e será útil para aqueles que precisam tanto como nós dumã férias à beira-mar.

Esperamos, ainda, que a nossa casa sirva, posteriormente, como o ano passado, para escola de aprendizagem. No ano anterior juntaram-se, cá, cerca de 35 meninas a aprenderem costura e cozinha. Agora, logo se verá.

Amigos leitores, por hoje despeço-me desejando a todos os que trabalham, um óptimo dia de trabalho, e aos que neste momento gozam as suas férias, que sejam alegres e felizes.

Jorge Calmeiro

alma de meu filho que faz sete anos partiu para Deus».

Algés, 1.000\$00, «migalha tirada do meu subsídio de férias, por alma de Emília, que pediu muitas vezes rezasse por sua alma e eu acho que a melhor maneira de o fazer é assim».

Outros 100\$00 de Lisboa, pela mão de Maria Antónia.

No Lar do Gaiato, no Porto, um discreto sobrescrito com 500\$00.

Ainda do Porto, 50\$00 dos Amigos de D. António Barroso, que nunca faltam!

Finalmente, um Vicentino de Lisboa aparece sempre na hora H. Faz-nos bem ouvir este recoveiro dos Pobres:

«Permitiu o Senhor que eu passasse por uma grande prova: grave doença de minha Mulher e também de minha Filha, embora com menor gravidade. Mas Deus é infinitamente misericordioso e nunca ilude a Esperança dos que n'Ele confiam. E, assim, a crise passou.»

Pareceu-me que a melhor maneira de Lhe mostrar a minha gratidão seria ir ao encontro d'Ele na pessoa de qualquer Irmão necessitado. Para o efeito remeto o incluso cheque (de 1.000\$00) deixando a atribuição da respectiva importância ao vosso critério.

Peço desculpa da insignificância da oferta e agradeço uma oração pelo completo restabelecimento de ambas as doentes».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Praia de Mira

As nossas férias deste ano, à beira-mar, estão a findar e os dias têm estado maravilhosos, pois o sol com o seu brilho convida-nos a passar cada dia com alegria e boa disposição.

Os foguetes quase todos os dias rebentam, pela manhã, anunciando

## RETALHOS DE VIDA

### O «Banana»



Sou natural de Malanje, onde nasci a 10 de Fevereiro de 1962. Tenho actualmente 16 anos de idade e ando na 7.ª classe (ex-3.º ano).

Tinha eu 6 anos, quando meu pai faleceu por excesso de álcool, mas antes disso já se encontrava desligado de minha mãe. A partir daí, começámos a ser subsidiados pelas vicentinas, até 1970. Foi nessa altura que eu, com 8 anos e meu irmão com 5, entrámos na Casa do Gaiato de Malanje. E entrámos também pela primeira vez na escola.

Já desempenho algumas funções de responsabilidade. E sinto-me orgulhoso por saber que existe confiança em mim. E cada vez começo a compreender melhor o sentido desta maravilhosa Obra de Pai Américo, à medida que vou crescendo e lendo os seus valiosos livros.

Caros leitores, fico por aqui, e prometo estar convosco numa próxima oportunidade, desejando-vos boa saúde.

Carlos Jorge Augusto («Banana»)

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

«Há muitos anos já que sou leitora de O GAIATO — afirma uma senhora de Vila Nova de Gaia — e apenas por desleixo ainda não me tornei assinante. Por isso, venho pedir que, a partir de agora, me considerem assinante do vosso jornal. Agradeço me informem quanto devo enviar até ao fim deste ano de 1978.»

Entre a procição que aí vai, e são dezenas de novos assinantes, um por outro não deixa de exprimir a sua omissão — que não é desleixo.

Vale a pena, como é óbvio, continuar o percurso, só para abanar as almas, e até por quantos dizem amar a Obra da Rua mas não conhecem o seu âmago.

Aliás, um jornal como o nosso, com uma rotação de trinta e quatro anos, precisa naturalmente de substituir também clareiras motivadas pela erosão do tempo, e não só. Há que motivar seriamente novas gerações sedentas de Ideal. Trazê-las para o nosso seio, exactamente para tentarmos a construção de um Mundo Melhor. É tarefa de cada um. É tarefa de ontem, hoje, amanhã — sempre!

«Chegou-me às mãos, há dias, um livro de Pai Américo, que tenho apreciado — revela um Amigo de Assafarge (Coimbra). «Gostaria, de futuro, passar a receber O GAIATO. Tomo a liberdade de juntar um cheque para despesas.»

Foi tocado por Pai Américo. E que dizer de parte dos novos assinantes estremeceidos por familiares e amigos?!

Os nossos olhos pecadores saboreiam, agora, pequenina carta de Vilarelho; uma senhora insatisfeita por a Obra da Rua ser algo desconhecida no seu meio. Por isso, e muito bem, gostaria de conquistar todo o mundo para as fileiras de O GAIATO. Ouçamos um

extracto, bem expressivo, da sua carta:

«Junto envio uma lista com seis assinantes. Eu gostaria de arranjar mais, mas não consegui, visto essa Obra ser totalmente desconhecida» (na região).

Outros, doutros lados, têm dito ou dizem o mesmo. Porém, enquanto uns (poucos) desanimam com os resultados, a maioria estimula-se na acção. Daí O GAIATO estar hoje, e cada vez mais, onde nunca esteve. Naquele tempo, os primeiros Discípulos de Cristo seguiram à risca a ordem do Mestre: «Ide...» Foram. E percorreram o mundo, sabe Deus como! Levaram a Mensagem a todos os povos. Bem aceites, davam graças ao Pai do Céu. Rejeitados, sacudiam o pó das sandálias, pacificamente. E continuavam a sua missão.

Em resumo, assinalamos novos assinantes de S. Domingos de Rana, Nova Oeiras, Barreiro, Braga, uma data deles, Gavião (V. N. Famalicão), V. N. de Gaia uma pequenina procição, Laranjeiro, Aradas (Aveiro), Carrapichana, Covilhã, Castelo Branco, Cantanhede, Aveiro com uma série, Bragança idem, Tomar, Setúbal com outro grupo, Nogueiró (Braga), Queluz, Odivelas, Valadares (V. N. Gaia), S. João do Estoril, Esgueira (Aveiro), Malveira, Mira (Sintra), Camarate, Mercena, Avanca, Ovar, Espinho, Lagoa (Algarve), Mértola, Alhandra, Moreira (Maia), Óis da Ribeira (Águeda), Santa Iria de Azóia, Loures, Caldas da Rainha, A-dos-Cães (Loures), Santarém, Albufeira (Algarve), Leiria, Madalena (Paredes), Marco de Canaveses, Aigualva (Cacém), Coimbra, Tavira. Do estrangeiro, assinalamos Clamart e Pavigny sur Orge — França, e Santos — Brasil.

Júlio Mendes

# Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

lismo demolidor; são os espetáculos indecorosos e pornográficos; é uma literatura de cordel dessorante; são os programas da rádio oficial e da televisão que entram nas próprias casas oferecendo os venenos mais corrosivos.

É tempo de acordar e de uma atitude passiva passar ao contra-ataque, oferecendo o melhor dos nossos esforços no sentido de opôr um dique forte e inexpugnável ao rio caudaloso de ignomínia e de perdição que avança e tudo pretende submergir. As famílias, os pais e os educadores que respondam, que ainda é ocasião de salvar o essencial. Fora disso será a tragédia e o caos. «Havemos, como disse Pai Américo, de ir às fontes, à origem, à primeira célula que apareceu na Terra — a Família. A lareira é uma universalidade». Mais: «tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão».

● Vamos por toda a parte, lugares públicos e privados. Entramos nas repartições e nas casas mais diversas,

surpreendendo as situações mais dispares. No trabalho em que estamos empenhados contactamos com os mais variados tipos de pessoas e de todas as categorias sociais. Não admira, pois, que façamos uma ideia da vida e das realidades.

Dois apontamentos apenas, ao findar destas linhas. O primeiro refere-se à pouca produtividade do trabalho realizado. Vê-se muita gente de costas ao alto. Há sempre, em norma, muitos a falar e poucos a trabalhar. Outro dia, em pleno Rossio, havia seis homens a abrir uma vala, af com metro e meio de comprimento, meio metro de largura e outro meio de profundidade! Medimos a olho. Desta maneira como poderemos sobreviver quando virmos o fundo do saco dos empréstimos?!

O segundo refere-se à mania, é o termo, de mudar os nomes das coisas ou o lugar que ocupam, para nada criar de novo ou melhorar o que está mal ou menos bem. Que se extingam os organismos nocivos ou se eliminem as coisas indesejáveis, está certo. Que se fale nos jornais de novas instituições só por se lhe mudar o nome, é ridículo e altamente



«Todos à Rua», está escrito na parede de um viaduto lisboeta, imperativo desnecessário para aqueles que nela já vivem.

custoso. Somos um País de poetas, não há dúvida, mas com «versos» destes só é de esperar miséria ou adiamento das soluções que a Nação exige. Se ao menos mudassem as cabeças dos homens... No bom sentido, claro está!

Padre Luiz

## Os livros de PAI AMÉRICO

● «Sou leitor assíduo do vosso jornal e de alguns livros do Padre Américo (O BARREDO e, ultimamente, o DOUTRINA que desde Dezembro é o meu guia espiritual, a par de outros de qualidade idêntica).

Sou um jovem de 15 anos. Ao contrário de muitos de vós tive o privilégio de nascer com consideráveis meios de subsistência: um burguês, filho de um dono de um pronto-a-vestir.

No entanto, não sou melhor nem mais feliz do que vós, por isso.

Dou o meu apoio solidário e as minhas indignas orações pela vossa Obra, que aprecio e estimo, como terei ocasião de provar, muito brevemente e mais tarde. Depois explicarei.» — FARO

● «Eu já possuía alguns livros da vossa Editorial. Mas, em consequência dos acontecimentos em Angola, tudo se perdeu e não quero estar sem esses livros que necessito de reler periodicamente, onde costumo colher muitos e bons ensinamentos, capazes de transformar os corações mais duros.

Por isso, e porque não tenho nenhum dos vossos livros, nem sequer o vosso jornal, agradeço me sejam enviadas todas as publicações que não estejam esgotadas.» — BRAGA

● «Desculpem. Já me devia ter descarregado, há muito, dos livros DOUTRINA 1.º e

2.º volumes... que, em tempos, me enviaram.

Quis primeiro achar tempo para me deliciar com a sua leitura e, depois, o tempo foi passando...

Não lhes posso dizer o bem que essa leitura me fez, nem tenho palavras para a apreciar. Lê-se e sente-se. Está tudo dito. E chora-se, também.

Perante a grandeza de Pai Américo sinto-me um miserável inútil. Mas é Deus quem distribui os carismas.» — PORTO

● «Recebi os três livros da vossa Editorial que minha Mulher pediu por meu intermédio e que para ela constituem não só quase leitura única, juntamente com O GAIATO, como «reliquias» que muito preza.

Como a chegada dos livros coincidiu com a passagem do seu 60.º aniversário natalício, e com a visita do antigo Párcos da Sé de Malanje que agora voltou a escrever-nos, pois que regressou a Angola, pedi-me para lhes enviar 500\$00. Esta importância foi-lhe dada por um nosso filho para comprar uma lembrança de aniversário. Que melhor lembrança do que os livros do Padre Américo, testemunhas sempre presentes de uma Obra feita de actos e não de palavras ocas com que, infelizmente, nos inundam todos os dias, enquanto a miséria e o desemprego crescem por toda a parte?» — PRAIA DAS MAÇAS

## UMA INIQUIDADE APARENTE

Cont. da 1.ª pág.

aonde fabricamos o pano que veste os nossos rapazes. É uma pancada forte e certa, cheia de vida. Gosta-se de a ouvir. Nunca nos faltou pano desde que somos a Obra da Rua, mas como este nunca tivemos! É obra feita em nossa Casa, pelas nossas mãos e está tudo dito.

Finalmente apareceu a tipografia; e da vantagem desta, não há palavras; o nosso vocabulário é omisso; nem sempre a palavra chega às alturas da ideia.

Fiquei triste e desconsolado, como atrás digo, mas aquela hora amarga, sofrida por amor de Deus, converteu-se em alegria total e permanente. Alegria do mundo. Alegria dos nossos leitores de aquém e de além-mar. Alegria tua. Também guardo respeitosamente a carta oficial aonde se anuncia o corte das regalias que antes usufruíamos. Na maré não gostei nada dela, mas hoje gosto e vou mandá-la encaixilhar.

Isto é doutrina. O nosso prelo é púlpito. Eu tenho obrigação de pregar. É preciso que saibamos que nem sempre são direitas as linhas por onde Deus escreve. Os nossos caminhos não são os caminhos d'Ele. Aquilo que parece ser uma adversidade, pode redundar e redundar sempre num bem se nós temos a felicidade de possuir a intuição do Di-

vino. O caso que hoje expõem é documento.

Pai Américo

É documento, sim senhor. De documentos assim foi feita a história da Obra da Rua ao longo dos seus 39 anos de existência e assim há-de continuar pelo tempo em fora. É a esperança que nos anima, que dá à nossa humana aptidão para vacilar a certeza de que mais vezes «caminharemos sobre as ondas». Pois se tantas vezes temos andado...!

Naquele tempo Pai Américo foi de Penafiel ao Porto, «triste e desconsolado». Cabe-me agora percorrer em sentido inverso o mesmo caminho, triste e desconsolado também e «ocupando o tempo em pedir a Deus que guie as minhas passadas», para que a «iniquidade» permaneça aparente e não real.

Então trocámos o fornecimento dos Serviços Camarários pela alta-tensão que a Companhia pôs ao nosso dispor a um preço de amizade. Tal permitiu, como Pai Américo revela, uma mecanização que o tempo já impunha e hoje se impõe com evidente maioria de razão. Fez-se um contrato. De cinco em cinco anos foi-se actualizando suavemente. A potência instalada cresceu ao ritmo da era da máquina em que vivemos. Foi levantada toda uma rede interna cuja manutenção, desde o transformador à última tomada de energia, nos compete. Era um valor

básico que nos permitiu abertura ao progresso, ao serviço da preparação profissional dos nossos Rapazes e da nossa economia caseira.

Era... Mas o valor, virou «luxo oriental». Desde 1975, sem denúncia do contrato, começou a cobrança de aumentos por força de despachos ministeriais. Até agora quatro, somando um acréscimo de 163 por cento em relação à tarifa contratada. Em suma: o Kw. h custa-nos agora à beira de 1\$70, enquanto os clientes dos Serviços Camarários o pagam a 1\$00. Eis a razão do meu «regresso» do Porto a Penafiel, a tentar a re-ligação à baixa-tensão dos Serviços Camarários, por ora resistentes aos despachos do Terreiro do Paço. Do Terreiro do Paço... se este não é apenas o executor de ordem vinda de mais longe, como nos consta. E a convergir para a autenticidade desta voz, af está a carta há dias recebida com extractos de conta a confirmar e a expedir «aos nossos auditores externos Turquands Barton Mayhew & Co., utilizando para tal o envelope devidamente estampilhado que junto remetemos». O envelope está endereçado aos referidos auditores — LISBON — Portugal. Sintomas da nova era colonial em que não sabemos se qualquer tentativa de apelo é a LISBON que deve realmente ser dirigida, se a LONDON ou a alguma outra metrópole.

Padre Carlos

Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa